



Citação: ROCHA, H.F.M.; CARDOSO, M.A.; AMORIM, N.; SANTOS, D.M. Espaços Livres na Faculdade de Arquitetura da UFBA: um olhar socioecológico sobre uma intervenção no moderno. In: ESPINOZA, José Carlos Huapaya. **Livro de resumos do 13º Seminário Docomomo Brasil: Arquitetura Moderna Brasileira. 25 anos do Docomomo Brasil. Todos os mundos, um só mundo.** Salvador, 7 a 10 de outubro de 2019.

ESPAÇOS LIVRES NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA: um olhar socioecológico sobre uma intervenção no moderno

Eixo Temático 4: Teorias e práticas de intervenção no moderno

ROCHA, Heliana Faria Mettig

Arquiteta e Urbanista. Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPGAU-UFBA. helianamettig@ufba.br

AMORIM, Nayara Cristina Rosa

Arquiteta e Urbanista. Paisagista. Professora Assistente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. nayaraamorim.arq@gmail.com

CARDOSO, Maria Ângela Barreiros

Arquiteta e Urbanista. Paisagista. Professora Colaboradora da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia – Residência AU+E/UFBA. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPGAU-UFBA. dangecardoso@gmail.com

MOREIRA, Diego Santos

Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - Bolsista do Programa PIBIC - UFBA. dmoreira921@hotmail.com

Resumo:

Este artigo é resultado da convergência de interesses entre pesquisadores sobre práticas experimentais extensionistas de caráter socioecológico que envolvem os espaços livres de edificações na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), como um dos atributos da formação acadêmica, tendo o paisagismo como um agente mediador para uma melhor valorização de edificações do período da arquitetura modernista em Salvador, Bahia, bem como visando uma maior qualidade ambiental e apropriação coletiva do lugar. Num breve panorama histórico sobre os processos de implantação dos jardins no entorno da FAUFBA observa-se, que ao longo dos seus 60 anos, a relação entre as edificações existentes e os espaços livres externos, conforme definida no projeto arquitetônico original, vem sofrendo alterações no trato paisagístico, a partir de práticas esporádicas de professores e estudantes envolvidos. Neste artigo, são realizadas leituras da paisagem neste sítio, buscando-se a origem da conformação paisagística na transição entre espaços construídos e livres. A última intervenção realizada em 2018 no paisagismo da FAUFBA ocorreu a partir de uma experiência colaborativa no âmbito da faculdade que buscou um novo olhar para essas relações. Essa prática experimental conduziu à uma reflexão sobre o sentido



dos jardins, a partir da preexistência do edifício e seus espaços livres, visando uma apropriação do lugar na sua transição permanente.

Palavras-chave: Paisagismo, Projeto, Espaços livres, Apropriação, Lugar.



Abstract:

This article is a result of converging interests among researchers on experimental extension practices through a socioecological perspective that involve the buildings' free spaces in the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia (FAUFBA), as one of the attributes of academic formation, having the landscaping as a mediating agent for a better valuation of buildings of their modernist architecture period in Salvador, Bahia, as well as aiming at a higher environmental quality and collective appropriation of place. In a brief historical overview of the implantation process of gardens around FAUFBA, it can be observed that over the past 60 years, the relationship between existing buildings and external free spaces, as defined in the original architectural design, has undergone changes in the landscape, from sporadic practices of teachers and students involved. In this paper, readings about landscape are given, looking for the origin of the conformation through the transition between built and free spaces. The last intervention made in 2018 in FAUFBA landscaping occurred from a collaborative experience within the scope of the college by a new look at these relationships. This experimental practice led to a reflection on the meaning of the gardens, from the pre-existence of the building and its free spaces, aiming a place appropriation in its permanent transition.

Keywords: *Landscaping, Design, Free Space, Ownership, Place.*



ESPAÇOS LIVRES DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA: um olhar socioecológico sobre uma intervenção no moderno

Introdução

A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - FAUFBA foi instalada no campus do bairro da Federação/Ondina em Salvador em 1972. O projeto foi elaborado por uma comissão composta pelos arquitetos e professores Diógenes Rebouças, Américo Simas e Oscar Caetano Silva, com a colaboração de alguns estudantes da própria faculdade¹. Não se pode negar que o projeto arquitetônico adotado previa uma relação entre as edificações e os espaços livres do seu entorno, como uma composição. No entanto, até o momento, não foram encontrados registros de um projeto paisagístico e da participação de um arquiteto paisagista como membro da equipe.

As edificações da faculdade foram implantadas em uma colina à montante da encosta da avenida de vale Anita Garibaldi, tendo acesso pela Rua Caetano Moura. Naquela época, uma região de expansão da cidade composta por trechos de matas naturais, chácaras, loteamentos e casas lindeiras à via de cumeada.

Assim, o presente texto refere-se aos espaços livres de edificações na FAUFBA, adotando de Macedo (1995) a definição de “espaços livres como todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho” que, por sua vez, recupera o arcabouço conceitual sintetizado e desenvolvido por Miranda Magnoli sendo “o espaço livre é todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que essas pessoas têm acesso”².

Considerando que espaço e as pessoas se relacionam em uma transição permanente, interessa entender o sentido dessa relação na FAUFBA. Os espaços livres estariam voltados para a valorização de edificações modernistas e/ou à mediação entre os edifícios e as atividades acadêmicas? Desenvolver esta questão resume o objetivo deste texto, a partir de uma reflexão sobre algumas intervenções paisagísticas que ocorreram, recentemente, nos espaços livres da FAUFBA, tomando-as como práticas de intervenção no moderno.

Como referencial teórico, apoia-se em uma concepção de base fenomenológica³ para a conceituação de “lugar”. Para Tuan (1980, p.129), o lugar é marcado por três palavras-chave - percepção, experiência e valores - ou seja, o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experienciado’. Apresenta a diferença entre espaço e lugar, mostrando que o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação. Nesta concepção, o lugar (...) é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado; (...) o lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só

¹ Informações levantadas pelo arquiteto e professor da FAUFBA, Nivaldo Andrade (ANDRADE et al., 2016).

² Segundo Macedo (1995) esta definição serve como conceito base para espaços livres na área de Paisagismo da FAUUSP, vide (MAGNOLI apud MACEDO, 1995:53).

³ Base teórica fenomenológica como aporte no uso dos conceitos de lugar e de mundo vivido, na construção de novas perspectivas metodológicas acerca da geografia, dita humanista.



um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. Ainda o autor contribui para este entendimento, a partir da Geografia Humanista, com o estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1983).

Na virada para o século XXI, o conceito de “lugar” desdobra-se sob as influências dos campos da Percepção Ambiental, do Meio Urbanístico e da Economia consumista, conforme arcabouço teórico levantado por Castello (2007). Dentre esses caminhos, esse texto busca aproximar-se ao sentido da relação entre os espaços livres, as edificações e as pessoas, por meio de um olhar socioecológico que inclui a apropriação coletiva do lugar, com atenção às relações, bem como aos fluxos de informação, materiais e energia. Além de, como co-participantes desses sistemas, visualizar soluções baseadas na natureza para restaurar e regenerar os serviços ecossistêmicos, adaptadas à singularidade do lugar (TODD, 1993).

Esse texto baseia-se metodologicamente em um levantamento de dados sobre as práticas ocorridas nos espaços livres da FAUFBA, recuperando os antecedentes paisagísticos por meio de entrevistas semi-estruturadas com alguns professores. Tem como enfoque o projeto paisagístico mais recente, que ocorreu por ocasião do V ENANPARQ⁴, em 2018, desenvolvido pelo grupo de extensão *Orquidário* e o grupo de estudos sobre *Práticas Socioecológicas*. Ao longo do texto, buscou-se resgatar a bibliografia disponibilizada sobre a temática, com foco nas edificações da FAUFBA e sobre espaços livres de edificações modernistas. Para sistematização desse processo foi elaborado um mapa de agentes, uma ferramenta⁵ facilitadora para a compreensão dos agentes motivadores, executores, fortalecedores e apoiadores na produção dos espaços livres de edificações, tendo em conta, a relação com a natureza enquanto agente de transformação.

O paisagismo, como prática socioambiental, reveste-se de caráter cultural e histórico. Enquanto linguagem, expressa símbolos e valores da sociedade. Na medida em que adota elementos naturais como matéria-prima, o paisagismo submete-se também a ditames ecológicos. (CESAR e CIDADE, 2003)

Releva-se o intuito de trazer ao debate um tema pouco explorado no âmbito da FAUFBA - um olhar socioecológico de apropriação do lugar - com possibilidades de dialogar com uma das temáticas do evento Docomomo Brasil, sobre práticas de intervenção no moderno, fundamentado a partir dos espaços livres de edificações modernas.

Paisagismo e Processos

A década de 1970 representa o período desenvolvimentista de onde emergem as questões ambientais e, assim, a paisagem se torna uma questão para o mundo contemporâneo, em busca de alternativas eficazes quanto à reparação de intervenções, todavia, sem prejuízo para o desenfreado processo de acumulação capitalista. Assim, emerge o Paisagismo como

⁴ V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Salvador-Bahia – 13 a 19 de outubro de 2018.

⁵ Ferramenta de análise desenvolvida durante as práticas socioecológicas, com base em ROCHA (2019).



um campo de conhecimento pouco explorado enquanto disciplina e profissão, que vai se desenvolver na academia e no mercado profissional, segundo as vertentes da Percepção, Arquitetura e Urbanismo, e Meio Ambiente.

Naquele momento, surgia uma expressão moderna derivada das escolas inglesa e americana - *landscape architecture* - uma forma diferenciada de composição integrada de espaços edificados e não edificados (livres), nos quais, pátios, passarelas, escadas, cascatas, são incluídos ao desenho urbano, definidos e organizados como espaços livres de edificações, onde o paisagismo vai exercer a mediação entre esses espaços e as pessoas.

Também na década de 1970, construía-se a FAUFBA, um conjunto arquitetônico à expressão moderna de concepção integrada das edificações e dos espaços livres, tratados de forma a garantir a fluidez entre estes. Embora essas edificações contemplem algumas características do estilo brutalista, da última fase da arquitetura modernista em expressão, tais como, edifício composto por partes (estruturas, janelas, portas, pisos) que foram concebidas de maneira simultânea com estruturas de porte em concreto armado, grandes vãos livres, expressivos, do ponto de vista formal, detalhes arrojados, complementados por calhas, gárgulas e outros elementos salientes⁶.

Esses grandes vãos vencem comprimento, largura e altura, criando largas plataformas que possibilitam campos de visões diferentes para os espaços internos e externos, como os recuos que permitem perspectivar o vale, as encostas, os acessos, a cidade e o mar. Seria esse emolduramento o suficiente para a conservação da paisagem? Conceitualmente, para o modernismo nesse período, o paisagismo era utilizado para potencializar um caráter bucólico com arborização disposta à maneira natural no entorno das edificações e nos recuos prevalecia o uso do gramado, de forma a evitar barreiras visuais para as edificações.

Como ilustrado na Figura 1[a], observa-se uma visão aérea do conjunto de edificações, dos espaços livres e das áreas verdes. Na Figura 1[b], observa-se a encosta íngreme descampada devido à terraplenagem para acomodar o edifício ao terreno; observa-se também algumas árvores que foram preservadas durante as obras. Na Figura 1[c], observa-se que os espaços criados sugerem o foco para o entorno imediato por meio do descampado da encosta até a avenida de vale Anita Garibaldi e das encostas laterais em direção à mata preservada, e com o uso cotidiano dos espaços; a Figura 1[d] mostra o grande vão do pórtico e um panorama do espaço em relação aos elementos estruturais, às edificações existentes e aos espaços livres.

⁶ ANDRADE *et al.*, 2013. Arquitetura Brutalista na Bahia. In: Anais do X Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas.



Figura 1: Relação entre as edificações e os espaços livres do entorno.

Fonte: Acervo do Núcleo Docomomo/Bahia e Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1977.

Estas imagens tomadas à da época refletem o sentido da construção da FAUFBA durante os anos 1965-1973. Bem como, atualmente, a utilização dos espaços da faculdade instiga a percepção sobre as suas heranças, como um legado patrimonial cultural, que demanda cuidado para ser passado para as futuras gerações. Nesse sentido, cabem as indagações sobre o conjunto:

- O conjunto arquitetônico e paisagístico foi construído segundo concebido no projeto original, contemplando a relação entre os espaços livres de edificações?
- Na sua concepção, de fato, houve um projeto conceitual de paisagismo sobre as áreas de entorno e dos espaços livres de edificações?
- O processo de regeneração da mata e vegetação dos recuos ocorreu de forma espontânea ou foi resultante de um plano paisagístico?

Antecedentes paisagísticos

As primeiras intenções voltadas para o planejamento da paisagem em que a FAUFBA está inserida surgiram com o intuito de recuperar a mata das encostas, de recobrir o solo que ficou exposto, evitar infiltrações, erosões e deslizamentos. Essas iniciativas, de certa forma, fazem contraponto ao modelo adotado na implantação das edificações modernistas. Em geral, a tipologia construtiva adotada se mostrava impactante com relação à morfologia local, devido à terraplanagem que devastou as árvores existentes, movimentou as camadas do solo retirado e lançado sobre as encostas, deixando cicatrizes expressivas, quiçá



irrecuperáveis. Nesse tipo de implantação é comum que o entorno da edificação seja composto por gramados, que não se configuram como barreiras visuais para o edificado. No caso da FAUFBA, inicialmente, não existiam gramados, esse espaço foi ocupado pelos 'barracões' do canteiro de obras, que funcionaram como instalações provisórias, de forma complementar, por cerca de duas décadas, abrigando atividades acadêmicas, administrativas, auditório, diretório acadêmico e até cantina. Os espaços resultantes da retirada desses 'barracões' se tornou um grande recuo frontal à edificação, tendo sido recompostos por gramados⁷ somente na década de 1990, dos quais não se tem ainda registros a respeito das intenções projetuais enquanto composição paisagística.

Segundo Holanda (1997), ao projetar, não se considera a temporalidade dos eventos e decisões, projetam-se estruturas físicas, barreiras e permeabilidades, onde espaço e sociedade se produzem concomitantemente. Entretanto, essa concomitância deixa escapar as questões ecossistêmicas que influenciam no lugar. Na FAUFBA, percebem-se algumas cicatrizes herdadas desse passado: o solo fragilizado pelos recortes da topografia e da mata do entorno, sobras de demolição descartadas na encosta, lastros de cimento expostos nos jardins atuais, dentre outros. Diante desse cenário, ainda se observa o florescimento de uma vegetação diversificada dentre espécies nativas e exógenas adaptadas que crescem à revelia, o que evidencia a natureza como agente de transformação.

Ainda não foi possível identificar se no período de implantação das edificações modernistas da FAUFBA ocorreu a preocupação com as questões de preservação, ou recuperação das áreas de matas degradadas. Alguns relatos demonstram que, ao final das obras, um grupo de professores, estudantes e egressos, sensibilizados com a situação das encostas, por iniciativa destes, realizaram o plantio de algumas mudas doadas na época⁸. Durante as entrevistas realizadas para elaboração deste texto, alguns envolvidos se manifestaram como pioneiros das atividades de recobrimento do solo como um princípio da recuperação paisagística das áreas de encosta que envolve as edificações da FAUFBA. Outros demonstraram orgulho por terem contribuído em uma ação participativa, como uma semente de atitude associativa entre o lugar e o sentimento de pertencimento das pessoas que ali desenvolviam as suas atividades, demonstrando um processo de ações esporádicas que vêm re-significando a paisagem.

Na década de 1980, foi criado o Grupo de Defesa e Promoção Socioambiental (GERMEN)⁹, uma organização de cunho ambientalista que promoveu junto à FAUFBA, os "Seminários Estudantis de Pesquisa (1981-1984)"¹⁰ e, na primeira edição, apresentou a proposta do "*Projeto Paisagístico para o Sítio da Faufbá*", quando foram elaborados os projetos de drenagem, mobiliário e iluminação. Também foi executado o plantio de árvores e arbustos de espécies nativas da biomassa Mata Atlântica, que serviram como homenagem a alguns

⁷ Na década de 1990, ocorreu um evento científico na FAUFBA que estimulou esta intervenção, fato que merece ser mais aprofundado em pesquisa.

⁸ Até então foram identificados: o professor Laerte Neves, então diretor da faculdade, o agrônomo professor Frederico Ferreira Pereira, professor Geraldo Araújo, aluno na época, os egressos Luis Simas e Ronan Caires Rebouças, que doaram algumas mudas dentre as que foram plantadas.

⁹ Até então, foram identificados o professor José Antônio Saja e o arquiteto paisagista José Augusto Saraiva (autor desse relato). As aroeiras foram dedicadas às professoras Maria Gleide Barreto e Elisa Rosa (diretora e vice-diretora à época).

¹⁰ Os referidos seminários 1, 2 e 3 foram realizados no contexto da Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA nos anos de 1981, 82 e 83, publicados e arquivados na Biblioteca Central da UFBA.



professores, a exemplo das duas árvores Aroeiras (*Schinus terebinthifolia*) que permanecem vivas e viçosas, ao lado da Casinha, antiga diretoria e atual Casa de Extensão da FAUFBA; um Oitizeiro (*Licania tormentosa*) e uma muda de Cedro (*Cedrela fissilis*) foram plantados ao fundo da Casinha, nas proximidades do atual estacionamento de estudantes, no dia 05 de junho de 1984 e “este ano completando 35 anos de vida!” Diversas outras árvores não resistiram, a exemplo do Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*) que foi plantado pelo professor Walter Gordilho. Também relacionado ao grupo GERMEN, em parceria com o Laboratório de Conforto Ambiental - LACAM¹¹ e como parte do evento “DIA D”¹² (edição 2009), foram plantadas uma muda de Ipê Rosa (*Tabebuia avellanadae*) e uma muda de Pau Brasil (*Caesalpinia echinata*).

Tais iniciativas proporcionaram outras oportunidades de ações de plantio pontuais que impactam na configuração dos espaços livres, o que contribui tanto para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, como também fortalece a ideia do paisagismo como uma ‘colcha de retalhos’, feita por diferentes mãos, origens e intenções. Essas ações pontuais são muitas vezes desarticuladas, devido à ausência de um projeto norteador da intervenção na paisagem.

Percebe-se nos antecedentes paisagísticos o caráter de informalidade que, de certa forma, os usuários se envolvem, tomados pela sensibilidade com o local, qualidade urbanística-ambiental, das pessoas e pela responsabilidade de cuidar de um bem público. Pode-se analisar essa condição como potencialidade latente capaz de promover um processo participativo de construção do planejamento da paisagem como um dos atributos da formação acadêmica do arquiteto e urbanista.

Historicamente, foi possível confirmar que priorizar abordagens técnicas e tecnológicas, enfatizando processos e relações sociais em intervenções urbanísticas, não foi suficiente para realizar uma ação transformadora do espaço enquanto um lugar. A capacidade de alcançar qualidade urbanística e ambiental – que incorpore as necessidades e os desejos das pessoas e grupos sociais para quem os lugares são criados – depende de interações profícuas entre múltiplos agentes, de forma inclusiva, identificando os conflitos e também as convergências para se potencializar uma produção coletiva do lugar (ROCHA, 2017).

Desse modo, as ações pontuais de plantio foram adquirindo força e, concomitantemente, os encaminhamentos paisagísticos projetuais também se valorizaram. Nesse contexto de busca de uma identidade paisagística, o presente texto destaca as ações coletivas e participativas, sejam elas iniciadas por ações verticais no âmbito da faculdade, desde a gestão proveniente da UFBA às atividades de ensino-pesquisa-extensão de professores, estudantes, técnicos e usuários externos à FAUFBA.

¹¹ Atual Laboratório de Conforto Ambiental e Tecnologias Sustentáveis em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – LACAM-TEC.

¹² DIA D - Dia de Debates e Discussões sobre Permeabilidade em Salvador, seminário de frequência anual promovido pelo escritório de paisagismo *Spatium* e o LACAM, entre 2008 e 2012, certificado pela PROEXT/UFBA e apoio da FAUFBA.



Encontros, Ideias, Acontecimentos e Planos

Nesse âmbito das ações da universidade, foram elaborados alguns planos direcionados ao planejamento paisagístico. Destaca-se o Plano de Áreas Verdes da UFBA no ano de 2005¹³. Esse plano evidenciou um pensamento sistêmico das áreas verdes do *campus* da UFBA, onde foram reconhecidas próximas a FAUFBA algumas tipologias de vegetação, dentre elas: matas em estágio médio nas encostas laterais, mata em estágio inicial na encosta dos fundos e gramado no platô central, próximo ao Módulo Iansã, área que vem sendo ocupada pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), atualmente em obras de manutenção. Não foi reconhecido no referido plano, jardins com cunho ornamental nas proximidades da faculdade.

Retomando as ações de âmbito da Faculdade de Arquitetura, alguns fatos contribuíram para as transformações paisagísticas recentes, tais como, a realização do concurso público para preencher uma lacuna na área de conhecimento sobre Projeto Urbano Paisagístico Ambiental¹⁴ em 2016 e no mesmo ano a realização do XIII ENEPEA - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - sediado pela FAUFBA, que traz à discussão, o tema 'Paisagismo Necessário: verde social'. Para a realização desse encontro a faculdade foi contemplada com a manutenção dos espaços livres ajardinados, recebendo também um projeto de intervenção no espaço livre do platô central, tornando-se uma das referências do encontro¹⁵. Será que essa intervenção pode ser considerada como um ponto de partida para se repensar os espaços livres da FAUFBA e do potencial de apropriação destes?

Um projeto paisagístico deve ser pensado em sua complexidade e abrangência, mas não há como negar que alguns elementos na composição recebem mais destaque, e flertam com a identidade do local. No caso da FAUFBA, pode-se destacar a existência de um *flamboyant* (*Delonix regia*), do qual não se sabe se é resultante de um pensamento projetual, como esse elemento de destaque que traz argumentos sobre a árvore enquanto um ser vivo que nasce, desenvolve, envelhece e fenece. Mesmo sendo uma espécie exógena adaptada, o *flamboyant* garantia, ao longo de décadas, uma paisagem caracterizada pelo contraste entre o verde predominante das folhas com a pulverização delicada da floração vermelha. Como ressalta Tuan (1980), o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado, e nesse sentido, o *flamboyant* possui muitos significados.

Em 2017, esse *flamboyant*, localizado na entrada da faculdade, em frente ao jardim do auditório principal, quase foi extinto. A árvore apresentava, segundo análise fitopatológica¹⁶, uma rachadura em seu tronco principal e essa fenda deixava fluir as águas de chuva para o cerne do tronco, que ao longo dos anos provocou o apodrecimento de parte do tronco,

¹³ O plano de 2005 é de autoria das arquitetas e urbanistas Márcia Elizabeth Pinheiro, pela CPPO-SUMAI, e a professora Maria Aruane Santos Garzedin.

¹⁴ Foram contratadas as professoras de paisagismo Marta Alves e Nayara Amorim.

¹⁵ Os serviços de manutenção dos jardins estiveram a cargo da Superintendência de Meio Ambiente e Infraestrutura (SUMAI-UFBA). O jardim criado sobre o espaço livre do platô central foi projetado pelo arquiteto paisagista Paulo Kalil (organizador do evento) e a professora Naia Alban, para o XIII ENEPEA.

¹⁶ Segundo laudo técnico emitido pelo engenheiro agrônomo da Palmácea, empresa terceirizada pela SUMAI-UFBA.



ocasionando danos à saúde da árvore que passou por uma ação de grande impacto, que cortou o tronco principal até o topo das raízes. Tal ato causou perplexidades, indignações, saudades, e, sobretudo, a desconfiança por uma explicação técnica convincente para todos que não se conformaram com as atitudes dos gestores para com a saúde das plantas da faculdade. Nesse fato, reconheceu-se a memória afetiva entre o *flamboyant* e as pessoas que transitam pelos jardins da escola, como ressalta Tuan (1980).

Durante os dias que se seguiram desde o isolamento da área do *flamboyant* até sua poda drástica, professores, estudantes e técnicos se reuniram buscando entender o ocorrido e possíveis amenizações. Foram identificadas orquídeas e cactáceas (*Rhipsalis bacífera*) nos troncos podados e estudantes recolheram esses troncos, buscando salvar as espécies. Nesse contexto, nasceu o grupo *Orquidário*, registrado como grupo de extensão intitulado *Experimentações Paisagísticas: do projeto à prática*, que tem como objetivo preencher as lacunas e ampliar a formação em paisagismo da FAUFBA, já que é oferecida apenas uma disciplina obrigatória¹⁷ no curso noturno. O grupo busca realizar esse propósito por meio de criações paisagísticas, sendo a primeira realização, a construção do orquidário em um dos espaços livres onde havia a fonte, para onde foram realocadas as orquídeas do *flamboyant*, como ilustrado na Figura 02 [b].

Nesse mesmo ano, em 2017, foi criado um grupo de trabalho entre os discentes residentes da Residência AU+E/UFBA que optou pela realização do projeto colaborativo de uma composteira, intitulada *Composteira Flamboyant*, que surgiu durante a disciplina 'Metodologias Participativas para Assistência Técnica'¹⁸. O projeto colaborativo foi desenvolvido segundo a metodologia de criação de projetos colaborativos conhecida como '*Dragon Dreaming*', que auxilia o desenvolvimento de um projeto de forma colaborativa, passando pelas etapas de 'sonhar-criar-realizar-celebrar'. O projeto da 'Composteira' se estabeleceu como uma experiência piloto de extensão universitária dentro do campus. Logo no princípio, os estudantes envolvidos se organizaram em grupos de trabalho, dentre os quais, execução-comunicação-manutenção, incluindo uma palestra e a execução da composteira com o engenheiro Samuel Autran. Enquanto a composteira foi montada, Figura 02 [b] diversos agentes foram acionados, para garantir a realização do ciclo completo da compostagem, tais como, funcionários da cantina, fornecedor de serragem, serviços de poda de grama e da coleta de folhagem, dentre outros.

Em 2018, foi criado o grupo de estudos, derivado da pesquisa *Práticas socioecológicas para transformação urbana*¹⁹, visando aproximar bolsistas de pesquisa, orientandos de trabalho final de graduação - TFG e estudantes da pós-graduação (especialização - Residência AU+E e mestrado - PPGAU), buscando experienciar a teoria e a prática que conduzem ações voltadas para a transformação socioespacial.

¹⁷ Disciplina ARQA53 – Paisagismo.

¹⁸ Disciplina orientada pelas professoras Heliana Mettig e Maria Suzana Moura.

¹⁹ Pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, com o bolsista graduando de Arquitetura, Diego Moreira.



Figura 2: Os espaços livres de edificações da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

Fonte: 1(c) Acervo da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1977. Fotos e montagem do Grupo Orquidário, 2018 - 2019.

Outra perda significativa que também impactou a FAUFBA ocorreu com a supressão da árvore mangueira (*mangifera indica*), plantada no ano de 1960 ao lado da atual Casa de Extensão, antiga sede da chácara a *casinha*. Aquela árvore exuberante foi cortada, de forma drástica, mesmo que justificada, deixando um vazio representado pelo tronco e toras de galhos espalhados pelos gramados. O diagnóstico que justifica tal ação se referia a uma praga conhecida como 'seca das mangueiras'. Segundo Tavares (s.d.), trata-se de uma doença contagiosa, causada pelo fungo *Ceratocystis fimbriata*, tendo como principal disseminador, um besouro. A doença se inicia pelos galhos finos externos, progredindo lentamente em direção ao tronco, até atingi-lo, matando toda a planta. O que deixa o questionamento: será que as outras mangueiras existentes nos jardins da faculdade estão fadadas ao mesmo destino?

Outros olhares: processo e projeto colaborativo

No ano de 2018 a FAUFBA seria a sede do V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – ENANPARQ²⁰. Durante os preparativos, percebia-se que os espaços livres da faculdade deveriam cumprir o seu papel como lugares de recepção, de congregação e de mediação entre as atividades do encontro. Para tanto, se fazia necessário repensar esses espaços. A partir dessa necessidade e do convite da diretora, se iniciou uma experiência colaborativa, entre os professores pesquisadores e

²⁰ O evento foi coordenado pela arquiteta urbanista e professora Ângela Gordilho Souza.



estudantes, grupos efetivos como o grupo de extensão *Orquidário* e o grupo de estudos sobre *Práticas Socioecológicas* e a gestão da faculdade, sob a execução da SUMAI-UFBA.

O somatório das áreas de jardim possui aproximadamente 6.700 m², sendo o projeto composto pela manutenção e reconfiguração de algumas áreas, visando ampliar o uso dos espaços livres pelas pessoas que ali circulam e convivem. Dentre as intenções projetuais destacam-se algumas, como a ressignificação dos espaços livres, visando a reconfiguração da área do *flamboyant* com a inserção de herbáceas com flores tropicais e forrações; composições curvas ao longo dos canteiros, com forrações coloridas para obtenção de um contraste de cores e com a forma do edifício modernista; a intenção de emolduramento do entorno de rampas e escadas com nova vegetação; a construção de um deck de paletes para integração da copa da Casa de Extensão com a área externa, além da previsão da criação de uma área de pomar e horta, prevendo ambientes de encontro, descanso e contemplação. Em relação à manutenção, destacam-se a recuperação do pavimento de acesso à entrada principal, da passarela para o Auditório 1, do guarda-corpo do acesso ao pátio e estacionamento de fundos, assim como, contornos de canteiros, qualificação do espaço do entorno da composteira, o pátio da horta e a manutenção do gramado frontal, entendendo o mesmo como espaço livre para manifestações locais, conforme Marta Romero, uma das precursoras sobre estudos bioclimáticos para o espaço público no Brasil:

Os espaços públicos externos de uso cotidiano devem oferecer, simultaneamente, diferentes opções ambientais, apoiadas na experiência dos habitantes do lugar... os espaços de passagem precisam de variação estacional e de animação. A forma exterior dos espaços públicos é uma expressão da sociedade, o que faz inviável e indesejável seguir modelos preestabelecidos... estes devem ser a expressão das manifestações espaciais da sociedade naquele lugar. (BUSTOS ROMERO, 2001. p. 218)

A execução do projeto tinha, como condicionantes, limites no orçamento e o curto prazo de finalização (entre agosto e outubro de 2018). Elaborado por estudantes que haviam cursado a disciplina de paisagismo, nem todas as intenções projetuais puderam ser executadas. Pelo contrário, foi solicitado que a proposta se adaptasse à viabilidade de execução. Nesse sentido, se buscou semelhanças entre as espécies e materiais pensados inicialmente e os elementos disponíveis.

Ao analisar o projeto, pode-se inferir que já se apresentava com um outro olhar, mais colaborativo e dinâmico, valorizando a apropriação dos espaços pelas pessoas. Talvez, apontando para uma aproximação a um olhar socioecológico, mais amplo, no sentido de formar um ciclo fechado como solução baseada na natureza, que considera desde os insumos aos resíduos, ciclo que se retroalimenta e envolve a comunidade que ali convive.

No início da execução do projeto paisagístico, em setembro de 2018, foi organizado o mutirão *Cuidando do que é nosso*, onde o projeto foi apresentado, e mais pessoas se mostraram dispostas a contribuir com as atividades junto aos jardineiros da Palmácea, empresa terceirizada pela SUMAI, tanto nas orientações sobre o projeto, quanto na participação da preparação e limpeza da área e do plantio. Nesse contexto do mutirão, foi estabelecida uma equipe responsável pela execução, estes precisaram se revezar para



acompanhar o plantio, além de manter contato com as empresas prestadoras de serviços elétricos, hidráulicos e de obras civis para viabilização da execução.

O projeto passou por algumas alterações durante o processo de execução para ser concluído antes do início do congresso. Naquele momento, embora alguns canteiros não estivessem finalizados segundo as intenções projetuais, ocorreram adaptações para que promovessem uma perceptível melhoria da ambiência para o V ENANPARQ. Estas adaptações foram pensadas de forma que as espécies mais volumosas ou de maior porte que deveriam ser remanejadas, fossem mantidas em um primeiro momento, até que as novas espécies inseridas crescessem, tendo como ponto de culminância o plantio de um Ipê Rosa no pátio da horta sob os cuidados de toda a equipe envolvida e adeptos. A Figura 3[a] e 3[b], a seguir, mostram parte da intervenção paisagística realizada:



Figura 3: Projeto paisagístico executado nas áreas livres da FAUFBA.
[a] Escadaria da cantina. [b] Canteiro principal. [c] Lateral do auditório. [d] Acesso à FAUFBA
Fonte: David Celuque, 2018.

Buscando analisar o processo projetual sob um olhar socioecológico, aponta-se para a necessidade de uma intervenção mais sistêmica e que contemple um ciclo fechado, conforme os ciclos da natureza, a exemplo da recuperação do solo, a captação de águas pluviais para manutenção da vegetação e compostagem de resíduos orgânicos para formação de adubo, consolidando o fechamento do ciclo, possibilitando o envolvimento, em graus diferentes, da comunidade de estudantes, professores, técnicos e funcionários.

Nos meses seguintes, com a chegada do verão, várias espécies morreram, pois antes das novas mudas passarem pelo período de adaptação, a faculdade teve problemas com o



fornecimento de água, diminuindo as regas. Somado a esse fator, algumas espécies não se adaptaram pela configuração do solo, condições de insolação ou ataque de formigas e cupins.

Mesmo diante dos problemas enfrentados, a presente reflexão aponta para a importância de registrar a elaboração e execução de um projeto paisagístico na FAUFBA, entendendo esse processo como parte do ensino da arquitetura paisagística, prevenindo conflitos e evidenciando práticas capazes de despertar o olhar socioecológico, que inclui o fechamento de ciclos naturais, onde o ser humano e suas intervenções no espaço também são incluídas. Além disso, é um importante registro histórico para os próximos que irão ocupar esses espaços livres e por sua vez, também contribuir para novas apropriações e alterações nos espaços livres da FAUFBA.

Reflexões sobre o processo

Como apresentado, os jardins da FAUFBA, se constituem nos espaços livres de edificações ligadas ao modernismo, sendo apropriadas, ao longo do tempo, em diversidades, reuniões, assembleias, festas, aulas ao ar livre e manifestações, o que demonstra a capacidade de adaptações desses espaços aos usos e costumes de cada época, sem deixar escapar a inerência enquanto elementos de valorização das edificações e seus espaços livres.

Essa última experimentação paisagística na FAUFBA de 2018 ocorreu como uma experiência colaborativa desde a fase de idealização até a efetiva execução e traz uma percepção a respeito da relação entre espaços livres, edificações e pessoas que os utilizam em suas atividades acadêmicas. Esse olhar participativo amplia forças de conhecimento e de pertencimento para com as paisagens contemporâneas e esse é o olhar das práticas, que cultivam a paisagem e convergem para um produto social, ecológico, sendo a paisagem, marca e matriz do espaço produzido concomitantemente com a sociedade, ao longo dos processos. Esse projeto paisagístico não foi finalizado, sem mesmo a conceituação sobre o mesmo. Também se percebe que o caráter de informalidade, dos inúmeros plantios eventuais e aleatórios permanece nas práticas locais, a exemplo de um funcionário em especial que, por ter a incumbência de cuidar dos jardins, sente-se na liberdade de continuar 'inventando' novos plantios. Seria em decorrência do projeto implantado em 2018 não ter um posicionamento conceitual claro, ou a prática da construção paisagística como uma 'colcha de retalhos' permanece como característica norteadora do lugar?

As atividades de ensino-pesquisa-extensão se desenvolvem por entre os espaços construídos e os espaços livres da faculdade, onde professores e estudantes comungam a percepção de um ambiente agradável, mas nem sempre cuidado, que tais espaços vêm proporcionando ao longo desses quase 60 anos de FAUFBA. Vale registrar o empenho destes, assim como do corpo administrativo, para realizar a manutenção desses espaços, assim garantindo a preservação da memória histórica, social e paisagística da faculdade.



Referências

- ANDRADE, N.; COSTA, A. L.; MENEZES, B. K. M. de M.; SANTOS, C. de O. T.; CELUQUE, D. N.; BORGES, L. A.; BARBOSA, L. S.; DULTRA, M.G.; NUNES, P. S. **Arquitetura Brutalista na Bahia**. In: Anais do X Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75 Curitiba. 15-18.out.2013 - PUCPR.
- ANDRADE, N. et al. **Catálogo Diógenes Rebouças**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- ARTICARDI, J. A. *Re-escribir paisajes*. In: ANDRADE, R. **Paisagismo(s) no Brasil: um campo hegemônico em debate**. (p. 83-95) Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.
- BUSTOS ROMERO, M. A. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: UNB Editora, 2001.
- CALQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARDOSO, Maria Ângela B. **Campo Grande de São Pedro e imediações: origem do jardim público e da arborização urbana em Salvador da Bahia**. (Dissertação de Mestrado). PPGAU/UFBA: Salvador, 2015.
- CARDOSO, M. A. e CARVALHO, M. L. **O Campo Grande de São Pedro e Imediações: paisagens culturais no meio ambiente de Salvador que preservam o patrimônio urbano do século XIX na Bahia, Brasil**. 3º Simpósio Científico ICOMOS, BELO HORIZONTE. 8ª 10 maio 2019 (no prelo).
- CESAR, L. P. de M. e CIDADE, L. C. F. **Ideologia, visões de mundo e práticas socioambientais no paisagismo**. In: Soc. Estado. vol.18 n.1-2. Brasília: Jan./Dec. 2003.
- HOLANDA, F. A determinação negativa do movimento moderno. II Seminário Docomomo Brasil. Anais...Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-UNB,1997.
- MACEDO, S. S. **Espaços Livres. Paisagem e Ambiente**. In: Revista Ensaios. São Paulo, n 7, p.15-16,1995.
- MARX, Roberto B. **Arte e paisagem: conferências escolhidas**. São Paulo: Livraria Nobel, 1987.
- MENEGAES, J. F.; BACKES, F. A. A. L.; ROCHA, K. M.; BALZAN, K. M. **Práticas de Paisagismo em Espaços de Convivência Social em Comunidades Rurais e em Centro de Educação Ambiental**. In: Revista Monografias Ambientais - REMOA v. 15, n.1, jan-abr. 2016, p.381-392 Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas - UFSM, Santa Maria e-ISSN 22361308 -DOI:10.5902/2236130800000.
- ROCHA, H. F. M. **O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência socioecológica em projetos urbanos**. (Tese de Doutorado). PPGAU/UFBA: Salvador, 2017.
- ROCHA, H.F.M. **Urbanismo e Ambientalismo: da separação à coexistência socioecológica**. In: Anais... XVII ENANPUR: Natal, 2019.
- TAVARES, S. C. C. de H. S. da M. **Agência de Informação EMBRAPA**. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia22/AG01/arvore/AG01_96_24112005115224.html> Acesso em nov. de 2018.
- TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel-Difusão Editorial,1980.
- TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. 1ª ed. São Paulo: DIFEL 1983.
- TODD, John; TODD, Nancy. **From Eco-cities to Living Machines: precepts for ecological design**. Berkeley: North Atlantic Books, 1993.
- GERMEN. Disponível em: <www.germen.org.br/> Acesso em 14/06/2019.